



cinemateca

# DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

Cinemateca 9 – 21 outubro 2020

com a 21ª Festa do Cinema Francês, em colaboração com o Institut Français Portugal  
e o Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir

# DELPHINE SEYRIG, INSUBMUSA

Cinemateca 9 – 21 outubro 2020

com a 21ª Festa do Cinema Francês, em colaboração com o Institut Français Portugal e o Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir

*Insubmusa*, como o coletivo que formou nos anos 1970 com Carole Roussopoulos, Ioana Wieder e Nadja Ringart, quando reconheceu no vídeo um espaço de liberdade criativa e uma arma para o combate pelos direitos da mulher: *Les Muses s’amusent* (“as musas divertem-se”) haviam de tornar-se *Les Insoumuses* (“as insubmusas”) e estar na origem do Centro Audiovisuel Simone de Beauvoir, fundado em 1982. Na altura, Delphine Seyrig (1932-1990) era já a atriz celebrizada por Alain Resnais em *L’année dernière à Marienbad* e *Muriel ou le Temps d’un retour* e era já a atriz tornada cúmplice de Marguerite Duras e Chantal Akerman em filmes tão decisivos do cinema do século XX como *Índia Song* ou *Jeanne Dielman, 23, Quai du Commerce, 1080 Bruxelles*. Entre várias outras férteis cumplicidades, no teatro e no cinema. Então como ainda agora, o vulgo conhecia melhor a sua imagem pública de atriz do que os trabalhos como realizadora iniciados em 1974.

Graças ao trabalho de recuperação e divulgação destes últimos em anos recentes, essa falha tem vindo a ser reparada melhor revelando o legado de Delphine Seyrig. É o propósito desta iniciativa: com a ambição de uma integral da realizadora, a retrospectiva conjuga essas sete sessões com sete outras representativas do seu trabalho como atriz, aberta a títulos pouco vistos de Marin Karmitz, Sami Frey, Stanislav Stanojevic, Joseph Losey, mas incluindo forçosamente um dos

seus dois importantes filmes com Alain Resnais (*Muriel*), o seu primeiro encontro com Marguerite Duras (*La Musica*, o primeiro filme de Duras, correalizado com Paul Seban) e o filme ímpar de Chantal Akerman (*Jeanne Dielman*), e ainda o conhecido François Truffaut em que contracena com Jean-Pierre Léaud (*Baisers volés*) e a primeira vez sob o olhar *beat* de Robert Frank e Alfred Leslie (*Pull My Daisy*).

Delphine Seyrig nasceu no Líbano, iniciou-se como atriz aos 17 anos no teatro, “para me expor e exprimir plenamente as minhas emoções”, instalou-se em França aos 20 anos, onde estudou teatro, e partiu para Nova Iorque em 1956. Nessa estadia de três anos foi “observadora”, nos seus termos, do método de Lee Strasberg no Actors Studio, fez teatro e estreou-se no cinema coincidindo com a estreia cinematográfica independente de Robert Frank. Lá a notou Alain Resnais assistindo a uma peça de Ibsen (*O Inimigo do Povo*), que no regresso a França a filmou no labiríntico *Marienbad* (e depois *Muriel*). *Marienbad* e *Baisers volés* de Truffaut deram-lhe notoriedade, firmando uma imagem de diva que ela não cessou porém de desconstruir na extensa filmografia de atriz, desde logo pelas escolhas criteriosas que fez e a variedade de registos, ainda assim pouco reconhecida.

Resnais, François Truffaut, Joseph Losey (*L’Accident*, e mais tarde *A Doll’s House*), Jacques Demy (*Peau d’âne*), William Klein

(*Mr. Freedom*), Luis Buñuel (*La Voie Lactée*, antes de *Le charme discret de la bourgeoisie*) são alguns dos realizadores com quem trabalhou nos anos 1960. A partir da década seguinte, o empenho artístico seguiu a par da militância política e feminista no contexto da França da época, tendo Seyrig filmado bastante com realizadoras mulheres: recorrente e crucialmente com Marguerite Duras, que a definia como “a maior atriz de França e porventura do mundo inteiro”, e com Chantal Akerman, que lhe entregou Jeanne Dielman. “Acontece que Marguerite Duras e Chantal Akerman são grandes realizadoras, a sua visão cinematográfica é na minha opinião da maior importância na segunda metade do século XX”, dizia Seyrig em 1978. Liliane de Kermadec, Patricia Moraz, Pomme Meffre, Márta Mészáros, Ulrike Ottinger são outras das cineastas que a dirigiram. Os nomes não esgotam a série de colaborações e trabalhos cujo conjunto configura uma constelação de afinidades, exigência, importantes variações.

A imagem etérea e sublime de Seyrig no cinema reflete-se no espanto com que Léaud a descreve em *Baisers volés* adjetivando uma “aparição”. Muitos se renderam à “presença excepcional aliada a uma interpretação extremamente precisa”, à “atriz imensa” e à sua “voz irrealista de violoncelo” (Hélène Fleckinger), à “atriz proustiana” (David Thomson). Verdade e aquém da verdade. A feminilidade, beleza, elegância, que sempre a caracterizaram, podiam ter feito dela a grande estrela do cinema francês, mas escolhendo escolher o seu caminho, Delphine Seyrig aliou-as à sensibilidade e inteligência com que também intensamente se implicou nas causas que defendeu, militante. É parte do segredo da sua raridade.

O envolvimento ativo no MLF-Mouvement de libération des femmes torna-se público a partir de 1971, quando é uma das signatárias do “Manifesto das 343” escrito por Simone de Beauvoir. Graças ao

seu encontro com Carole Roussopoulos, Seyrig percebe o poder da liberdade do vídeo: o combate pela emancipação da mulher e o seu registo documental levam-na à realização nesses anos 1970, no seio do coletivo fundado a quatro das *Muses*, que observou as lutas pelas causas da emancipação feminina, direito ao aborto, liberdade sexual, condições de vida das trabalhadoras do sexo, direitos das prisioneiras políticas.

Um dos primeiros trabalhos das *Insoumuses*, em 1974, faz eco em França do caso português das “Três Marias” perseguidas pela publicação das *Novas Cartas Portuguesas* (*Les trois portugaises*), centrando-se outro deles na perseguição da militante brasileira Inês Etienne Romeu (*Inês*). Ambos de 1976, *S.C.U.M. Manifesto 1967*, a partir de Valerie Solanas, e o desconstrutor *Maso et Miso vont en bateau*, em que arrasam uma prestação televisiva de Françoise Giroud, são dois dos títulos mais cáusticos e poderosos do coletivo. É neste último, especialmente instilado de sentido de humor, que um cartão final declara, “É o vídeo que nos contará”. A múltiplas vozes, como em *Sois belle et tais-toi!* (também de 1976), em que Seyrig entrevista e filma eloquentemente 24 eloquentes atrizes sobre a sua experiência, num filme-ensaio central do seu trabalho na realização. Outro ficou por fazer, o projeto à volta dos escritos de Calamity Jane, não a lendária Calamity, mas a Calamity Jane de *Calamity Jane's Letters do Her Daughter*. O seu rasto encontra-se no recente filme de Babette Mangolte que regressa a esse projeto de Seyrig e a material com ela filmado em 1983.

Todos os filmes realizados por Delphine Seyrig são apresentados em digital, em primeiras exposições na Cinemateca, e na sua maioria inéditos em Portugal, o que é também o caso de *Comédie* de Marin Karmitz ou os recentes *Calamity Jane & Delphine Seyrig, A Story* de Babette Mangolt, e *L'anée dernière à Dachau*, de Mark Rappaport.



## FILMES PROGRAMADOS **DELPHINE SEYRIG** REALIZADORA

### FEMMES AU VIETNAM

de Jane Fonda, Delphine Seyrig

França, 1974 – 62 min  
legendado eletronicamente em português | M/12

Na lista da produção das Muses, *Femmes au Vietnam* surge como uma montagem sonora de diapositivos ao lado de *La nature de la guerre Au Vietnam* (1974). Trata-se de um alinhamento de imagens fotográficas vietnamitas acompanhadas por uma interpeladora voz *off*. A concepção original da montagem dos diapositivos é de Jane Fonda, que no início dos anos 1970 havia de ficar conhecida como “Hanoi Jane” pela sua estadia militante no Vietname durante a guerra e uma fotografia polêmica que continua famosa (e serviu de mote a um filme de Jean-Luc Godard e Jean-Pierre Gorin, *Letter to Jane*, 1972). Esta é a versão comentada em *off* por Delphine Seyrig, que compôs a montagem da banda sonora francesa com Sami Frey em 1973.

### INÊS

de Delphine Seyrig

França, 1974 – 19 min  
legendado eletronicamente em português | M/12

O caso de Inês Etienne Romeu (Prêmio dos Direitos Humanos em 2009) é relatado em *off* pela voz de



Delphine Seyrig: a militante brasileira opôs-se à ditadura, foi presa, torturada e violada em 1971, em São Paulo, depois transferida para o Rio de Janeiro, condenada a prisão perpétua e reclusa até 1979, denunciando as atrocidades sofridas dois anos mais tarde. A primeira imagem é uma fotografia de Inês, a que se segue uma reconstituição brutal do que sofreu na prisão, a violência do texto que fala da “cabra comunista” e a irrupção de uma canção de Roberto Carlos, *Amada Amante*.

### LES TROIS PORTUGAISES

de Delphine Seyrig com a colaboração de  
Carole Roussopoulos, Ioana Wieder

França, 1974 – 29 min  
legendado eletronicamente em português | M/12

*Les trois portugaises* revisita o caso português das “Três Marias” (Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa) que arriscaram prisão por atentado aos bons costumes com a publicação, em 1972, das *Novas Cartas Portuguesas*, prontamente proibido pelo Estado Novo. O filme documenta as ações de apoio e divulgação do livro ocorridas em Paris entre março de 1973 e setembro de 1974, em particular a leitura-espetáculo “La nuit des femmes” e uma manifestação noturna diante da catedral de Notre Dame em janeiro de 1974.

## LES PROSTITUÉES DE LYON PARLENT

de Carole Roussopoulos

França, 1975 – 46 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Assinado por Carole Roussopoulos, *Les prostituées de Lyon parlent* regista o testemunho de algumas das centenas de prostitutas que ocuparam uma igreja de Lyon em junho de 1975, falando das suas condições de vida e trabalho como mulheres e mães e reivindicando o termo da perseguição a que são sujeitas. Os depoimentos são retransmitidos em monitores vídeo no exterior da igreja. Foi um combate que Seyrig seguiu atentamente, tendo ela própria filmado material hoje dado como perdido.

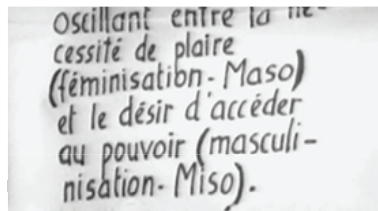
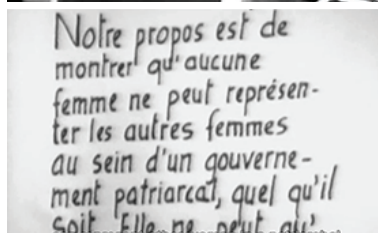
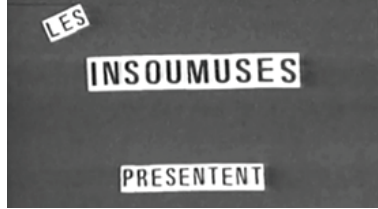
## MASO ET MISO VONT EN BATEAU

de Carole Roussopoulos, Delphine Seyrig, Ioana Wieder, Nadja Ringart (Les Insoumuses)

França, 1976 – 54 min

legendado eletronicamente em português | M/12

De inspirada verve, *Maso et Miso vont en bateau* é outro dos títulos essenciais do coletivo Les Insoumuses que a propósito afirmam: “No dia 30 de dezembro de 1975, depois de vermos a emissão de Bernard Pivot na Antenne 2 intitulada *Encore un jour et l'Année de la femme Ouf! C'est fini*. Sentimos a imensa necessidade de exprimir o nosso ponto de vista, de responder”. Montando e comentando as imagens da entrevista da então governante Françoise Giroud (responsável pelo



Secretariado para a Condição Feminina), que arrasam, concluem “O nosso objetivo não é comentar a pessoa de Françoise Giroud nem saber se outra mulher teria feito melhor ou menos bem no seu lugar. O nosso objetivo é mostrar que nenhuma mulher pode representar as outras mulheres no seio de um governo patriarcal, seja ele qual for. Não pode senão ENCARNAR A CONDIÇÃO FEMININA oscilando entre a necessidade de agradar (feminização – Maso) e o desejo de aceder ao poder (masculinização – Miso). [...] Nenhuma imagem da TELEVISÃO quer ou pode refletir-nos. É com o vídeo que nos contaremos.” Uma sessão imperdível, de militância e sentido de humor.

## OÙ EST-CE QU'ON SE “MAI”?

de Ioana Wieder (Les Insoumuses)

França, 1976 – 55 min

legendado eletronicamente em português | M/12

As manifestações do 1º de maio de 1976 em Paris são a matéria do filme das Insoumuses assinado por Ioana Wieder que alinha sequências do desfile feminista, testemunhos das manifestantes agredidas por elementos da CGT (confederação geral do trabalho) com a qual a participação das feministas fora negociada e leituras de um artigo do *L'Humanité* e da carta da CGT por Delphine Seyrig. A condição das mulheres no mundo da política está no centro do filme que revela a curiosidade e ironia do olhar das “Insubmusas”, partilhando as palavras de ordem e as canções jubilosamente preparadas para a manifestação. *Les Muses s'amusent* no combate pela sua causa.

---

## S.C.U.M. MANIFESTO 1967

de Carole Roussopoulos, Delphine Seyrig

França, 1976 – 28 min  
legendado eletronicamente em português | M/12

Les Insoumuses apresentam uma encenação do radical texto feminista de 1967 da americana Valerie Solanas: *SCUM Manifesto* tornou-se célebre na sequência dos três tiros disparados por Solanas em 1968, na Factory, para atingir Andy Warhol; regressando a ele num momento em que o livro se encontra esgotado, Roussopoulos e Seyrig filmam e protagonizam uma leitura encenada. Face a face, filmadas num plano que vai cerrando num movimento em frente, uma lê e outra dactilografa enquanto as imagens de um noticiário do dia são transmitidas em direto num televisor no fundo do plano. As imagens noticiosas, a voz de Seyrig, as teclas da máquina de escrever de Roussopoulos e os ruídos do dispositivo da câmara sobrepõem-se. “Um macho é um acidente genético, uma mulher incompleta, um aborto ambulante...”, nada de menos meigo para começo de conversa.

---

## SOIS BELLE ET TAIS-TOI!

de Delphine Seyrig com a colaboração de

Carole Roussopoulos, Ioana Wieder

França, 1976 – 110 min  
legendado eletronicamente em português | M/12

É o filme mais conhecido dos filmes desconhecidos de Delphine Seyrig realizadora, que aqui entrevista 24 atrizes sobre a sua experiência profissional, papéis desempenhados, relações com encenadores, realizadores e equipas de trabalho. Um retrato



coletivo no feminino que reflete, em 1976, o balanço negativo de uma profissão que remete as mulheres a personagens estereotipadas num mundo dominado pelo imaginário masculino. As perguntas de Seyrig vão ao fulcro da questão. Por exemplo: “Se fosses homem, terias escolhido igualmente ser ator?”; “Alguma vez representaste uma cena com outra mulher e, se sim, o papel dela foi o de rival ou confidente?” O título exclamativo vem do filme realizado por Marc Allégret em 1958. Entre as convocadas, Ellen Burstyn, Barbara Steele, Jill Clayburgh, Juliet Berto, Shirley MacLaine, Marie Dubois, Jane Fonda, Maria Schneider, Viva, Anne Wiazemsky.

---

## IL NE FAIT PAS CHAUD 1 | IL NE FAIT PAS CHAUD 2

de Carole Roussopoulos, Ioana Wieder, Delphine Seyrig,  
Nadja Ringart (Les Insoumuses)

França, 1977 – 75 min (49 min, 26 min)  
legendado eletronicamente em português | M/12

Em duas partes, documenta o contencioso de Brigitte Fontaine, Monique Piton, Mireille e Erin Pizzey com as Éditions de femmes em 1976 e os de Catherine Leguay e Brigitte Fontaine em 1977. Editora fundada nos anos 1970 no seio do MFL-Mouvement de Libération des Femmes, a Éditions de femmes nasceu com o intuito de publicar obras de escritoras ou dedicadas à emancipação das mulheres. Em 1976, um conflito laboral de uma ex-funcionária com a editora extravasa o seu caso pessoal, dando origem a *Il ne fait pas chaud*. “As coisas não estão animadas na Éditions des femmes quando nos fazem calar porque a animação é muita, por assim

dizer” – assim arranca a série de testemunhos quase integralmente captados em planos frontais das autoras que denunciam comportamentos e práticas da editora. Os seus casos pessoais são vistos como capítulos da mesma história duvidosa, sempre a mesma. Sucedendo à longa lista dos nomes envolvidos na produção e realização, o último quarto de hora é acústico dando a ver um encontro social.

## POUR MÉMOIRE

de Delphine Seyrig

França, 1987 – 11 min

legendado eletronicamente em português | M/12

*Pour Mémoire* foi filmado por Seyrig em homenagem a Simone de Beauvoir um ano após a sua morte: no cemitério de Montparnasse, a voz *off* de Seyrig principia o que viria a ser o seu último filme, que inclui excertos de discursos de Simone de Beauvoir e imagens da homenagem que lhe foi prestada em 1986.



## CALAMITY JANE & DELPHINE SEYRIG, A STORY

de Babette Mangolte

França, Estados Unidos, 2019 – 87 min

versão francesa, legendado eletronicamente em português | M/12

A leitura das cartas de Calamity Jane à filha ausente, nunca enviadas e publicadas postumamente nos anos 1970, levaram Delphine Seyrig a embrenhar-se num projeto de filme nunca realizado. É dele que trata o filme de Babette Mangolte, cuja gênese remonta a 1983 e foi iniciado em 2011, atendendo à proposta de montagem das sequências filmadas quando era diretora de fotografia de Seyrig, que conhecera como atriz na rodagem de *Jeanne Dielman* de Chantal Akerman. Mangolte constrói o seu filme como um diálogo interior de Seyrig a partir das várias versões do argumento, um storyboard e o material de época em 16 mm com ela filmado em Montana. “A não desistência tinha de ser o âmago do filme, sendo essa a força maior de Delphine” (Mangolte).



## FILMES PROGRAMADOS **DELPHINE SEYRIG** ATRIZ

### COMÉDIE

de Marin Karmitz, Jean Ravel,  
Jean-Marie Serreau

com Delphine Seyrig, Michael Lonsdale, Eléonore Hirt

França, 1965 – 20 min

legendado eletronicamente em português | M/12

*Comédie* é uma rara adaptação ao cinema da peça de Samuel Beckett, resgatada a uma invisibilidade de décadas no início do século XXI. Nos anos 1960, Beckett trabalhou na adaptação com Marin Karmitz, tendo o filme causado alarido pelo vanguardismo da sua abordagem visual e sonora a partir de uma história que reúne um trio de personagens. Karmitz refere-o como uma obra que “produz um movimento complexo entre escuta e compreensão, luz e negro, tudo isto a partir de uma história de encornamento à Feydeau”. Primeira exibição na Cinemateca.



foram grandes cúmplices em palco e no ecrã, são um casal de *Baisers volés*, em que Truffaut continua a filmar Jean-Pierre Léaud como Antoine Doinel na sequência de *Les 400 coups* e *Antoine et Colette*. Tido como o mais jubiloso Truffaut, o filme que “não conta nada de nada” (Truffaut) segue um Doinel de 20 anos recém-saído do exército, que dá por si detective privado, alimentando uma paixão por Christine (Claude Jade). É o filme em que Seyrig surge a Léaud como uma “aparição” sob o signo de Balzac (*O Lírio do Vale*) e com ele protagoniza três cenas e um monólogo inesquecíveis, explicando-lhe como é, pelo contrário, uma mulher. Os beijos são roubados à canção de Charles Trenet, *Que reste-t-il de nos amours?* que embala e titula o filme.

### BAISERS VOLÉS

*Beijos Roubados*

de François Truffaut

com Jean-Pierre Léaud, Claude Jade,  
Delphine Seyrig, Michael Lonsdale

França, 1968 – 91 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Reunidos na primeira de várias vezes no cinema em *Comédie*, Delphine Seyrig e Michael Lonsdale, que



### PULL MY DAISY

de Robert Frank, Alfred Leslie

com Allen Ginsberg, Gregory Corso, Delphine Seyrig e  
narração de Jack Kerouac

Estados Unidos, 1959 – 30 min

legendado eletronicamente em português | M/12

*Pull My Daisy* é a estreia no cinema de Robert Frank, até aí sobretudo conhecido pelo seu trabalho de fotógrafo, e pelo influente livro de fotografias *The Americans* (1958, com texto de Jack Kerouac), que em continha o germe de um pensamento cinematográfico. Sendo um dos títulos pioneiros do movimento de

cinema independente americano, *Pull my Daisy* é uma paródia à Beat Generation concebida por alguns dos seus protagonistas – como Allen Ginsberg, que faz de ator, e o próprio Kerouac, que escreveu o argumento e diz o irônico comentário em *off*. Delphine Seyrig surge no seu primeiro papel em cinema, numa estreia novaiorquina da época em que estudara no Actors Studio de Lee Strasberg.

---

## AUTOUR DE JEANNE DIELMAN

de Sami Frey

França, 1975-2004 – 68 min  
legendado eletronicamente em português | M/12

Filmado por Sami Frey na rodagem do crucial filme de 1975 de Chantal Akerman, *Jeanne Dielman, 23, Quai du Commerce, 1080 Bruxelles*, e montado em 2004 por Agnès Ravez e Akerman, *Autour de Jeanne Dielman* é um vislumbre dessa filmagem e do trabalho de ensaios e organização das cenas da então jovem realizadora com a sua equipa e a sua atriz, Delphine Seyrig, num dos seus trabalhos magistrais no cinema. Primeira exibição na Cinemateca.

---

## MURIEL OU LE TEMPS D'UN RETOUR

*Muriel ou O Tempo de Um Regresso*

de Alain Resnais

com Delphine Seyrig, Jean-Pierre Kérien, Nita Kein

França, Itália, 1963 – 117 min  
legendado eletronicamente em português | M/12



Alain Resnais entregou o papel da jovem viúva Hélène Aughain de *Muriel ou le Temps d'un retour* a Delphine Seyrig (prêmio de interpretação no festival de Veneza 1963), com quem já filmara em *L'année dernière à Marienbad* (1961, a primeira, notável, longa-metragem da atriz) depois de tê-la visto num palco novaiorquino a representar Ibsen. Seguindo a história da protagonista de 40 anos (bastante mais velha que a à época jovem atriz), num momento de reencontro com o homem que amara na adolescência, e uma segunda linha narrativa centrada no jovem enteado de Hélène, atormentado por lembranças da Guerra da Argélia, Resnais assina um filme de planificação e montagem extremamente elaboradas. Refletindo as feridas do tempo e a obsessão da memória, ou como exprimiu o realizador “a *malaise* de uma sociedade supostamente feliz”, *Muriel* é uma obra avassaladora.

---

## JEANNE DIELMAN, 23, QUAI DU COMMERCE, 1080 BRUXELLES

de Chantal Akerman

com Delphine Seyrig, Henri Storck, Jan Decorte

Bélgica, França, 1975 – 200 min  
legendado eletronicamente em português | M/12

Assente num rigoroso trabalho sobre a duração e a repetição, foi o filme mais decisivo na consagração de Chantal Akerman, e é um título fulcral na filmografia de Delphine Seyrig, que voltaria a trabalhar com a realizadora em *Golden Eighties* (1985) e *Letters Home* (1986). *Jeanne Dielman...* é uma observação

sistematizada, quase “maníaca”, do dia a dia rotineiro de uma mulher de Bruxelas (Seyrig), com a substituição a aparecer como um espectro de coloração realista. A dureza formal do filme de Akerman revela-se na sua obsessiva calendarização do tempo e das rotinas. Uma obra única na História do cinema.

---

## A DOLL'S HOUSE

*A Casa da Boneca*

de Joseph Losey

com Jane Fonda, Edward Fox, Trevor Howard, Delphine

Seyrig, David Warner, Anna Wing

Reino Unido, França, 1972 – 106 min  
legendado eletronicamente em português | M/12

Delphine Seyrig filmara uma primeira vez com Joseph Losey em 1968 (*L'Accident*, a partir de Harold Pinter) e reencontra-o nesta adaptação por David Mercer da clássica peça de Ibsen ambientada na Noruega do século XIX, em que interpreta o papel de Kristine. Coprotagoniza o filme com Jane Fonda, que é Nora, a mulher que se liberta do papel de mascote que vive ao lado do marido dominador que ajudou secretamente no passado cometendo um ato ilícito. *A Doll's House* é um título subestimado de um cineasta subestimado, que filmou recorrentemente personagens femininas fortes e conheceu alguma tensão com Fonda e Seyrig durante esta rotação em que, não obstante, ambas compõem impressivamente os seus papéis. Primeira exibição na Cinemateca.



---

## LA MUSICA

de Marguerite Duras, Paul Seban

com Delphine Seyrig, Robert Hossein, Julie Dassin

França, 1966 – 80 min  
legendado eletronicamente em português | M/12

O primeiro filme de Duras foi o primeiro Duras com Seyrig, antecedendo o extraordinário díptico da extraordinária personagem de Anne-Marie Stretter composta nas margens do Ganges dos anos 1930 em *India Song* (1975) e *Son nom de Venise dans Calcutta désert* (1976), e o seguinte *Baxter, Vera Baxter* (1977) em que interpreta o papel da desconhecida. Em *La Musica*, a partir da peça homônima de Duras com “ela” e “ele”, um casal separado que se reencontra três anos depois da separação para recolher a sentença de divórcio e protagoniza uma fabulosa cena fantasmática num átrio de hotel. Um filme belíssimo. É de Seyrig que Duras dirá, “O único entrave à sua liberdade é a injustiça de que os outros são vítimas”. Primeira exibição na Cinemateca.

---

## LE JOURNAL D'UN SUICIDÉ

de Stanislav Stanojevic

com Delphine Seyrig, Sami Frey, Marie-France Pisier,

Sacha Pitoëff

França, 1971 – 82 min legendado eletronicamente em português | M/12

Nesta sua primeira longa-metragem que apresenta como uma comédia, Stanislav Stanojevic alia o absurdo ao drama a bordo de um cruzeiro no Mediterrâneo em que um homem e uma mulher se entregam a um jogo de sedução. Delphine Seyrig é a misteriosa tradutora-

intérprete que esconde o olhar atrás de uns negros óculos escuros e Sami Frey o guia turístico que por ela se encanta, aceitando o desafio que lança uma série de linhas narrativas: “Conte-me algo de belo.” Filmado a partir do argumento adaptado de um romance de Stanojevic, que Truffaut considerou “o melhor argumento que já li”, um “argumento em espiral”, nas palavras de Marie-France Pisier, a anarquista do filme. *Le journal d'un suicidé* navega pela narrativa, pelo preto e branco e a cor, a mono e a policromia, um decisivo ambiente sonoro composto nas dissonâncias formais e estilhaços narrativos. Uma surpresa. Primeira exibição na Cinemateca.

## L'ANNÉE DERNIÈRE À DACHAU

de Mark Rappaport

França, 2020 – 29 min / legendado eletronicamente em português

O mais recente vídeo-ensaio de Mark Rappaport, “um filme sobre um filme sobre um filme”, é um tributo a Alain Resnais, a *L'ANNÉE DERNIÈRE À MARIENBAD* e a Delphine Seyrig, filmada nos bastidores de *MARIENBAD* com uma câmara nas mãos. A imagem de Seyrig abre e fecha *L'ANNÉE DERNIÈRE À DACHAU* que combina ainda imagens raras da rodagem nos jardins e palácios de Schleißheim e Nymphenburg no inverno de 1960 ou uma visita da equipa ao campo de concentração de Dachau.



# DADOS BIOGRÁFICOS

**1932**

Delphine Claire Belriane Seyrig nasce em Beirute, no Líbano, a 10 de abril. Filha do arqueólogo Henri Seyrig e da investigadora Hermine de Saussure, passa a infância e adolescência em diversos países, incluindo a França e os Estados Unidos.

**1950**

Chega a França, estuda arte dramática com Roger Blin e Tania Balachova. Entre os seus colegas de curso contam-se Philippe Noiret, Laurent Terzieff e Michael Lonsdale, com quem contracenará várias vezes no teatro e no cinema. Casa com o pintor americano Jack Youngerman, então estudante de belas artes em Paris, com quem tem um filho seis anos mais tarde, Duncan Youngerman.

**1952**

A sua primeira peça é *L'Amour em papier* de Louis Ducreux. No Centre dramatique national de l'Est e na Comédie de Saint-Etienne, é dirigida por Jean Dasté em *As Bodas de Figaro* de Beaumarchais e *A Tempestade* de Shakespeare. Noutras companhias, participa em peças de Jean Giraudoux, Molière e Oscar Wilde. Falha uma candidatura ao Théâtre national populaire pelas características da sua voz, cujo timbre Michael Lonsdale há-de comparar a um violoncelo.

**1956**

Vai viver em Nova Iorque onde frequenta o Actors Studio de Lee Strasberg durante três anos. Integra o elenco de várias peças *off-Broadway*.

**1959**

Estreia-se no cinema em *Pull My Daisy*, escrito por Jack Kerouac e realizado por Robert Frank e Alfred Leslie. Alain Resnais vê-a no palco de *O Inimigo do Povo* de Henrik Ibsen, no outono, e convida-a para protagonizar *L'année dernière à Marienbad* (1961), escrito por Alain Robbe-Grillet, a sua primeira longa-metragem.

**1960**

Regressa a França.

**1961-1969**

*L'année dernière à Marienbad* dá-lhe a notoriedade, que os filmes seguintes com Joseph Losey, Marguerite Duras, William Klein, François Truffaut e Luis Buñuel ampliam. É distinguida com a Coupe Volpi para melhor interpretação feminina na Mostra de Veneza de 1963 pelo papel de Hélène Aughai em *Muriel ou le Temps d'un retour*, de Alain Resnais.

No teatro, interpreta entre várias outras, peças de Anton Tchekov, Robert Musil, Luigi Pirandello,

Alain Cuny, Ivan Turgueniev, André Bersacq, Samuel Beckett, Harold Pinter, Tom Stoppard. É dirigida recorrentemente por Claude Régy e contracena com Jean Rochefort, Jean-Pierre Marielle, Claude Piéplu, Sami Frey, Bernard Fresson, Henri Garcin.

Entre os seus trabalhos para a televisão, conta-se em 1969 o papel de Mme de Mortsaufer em *Lys dans la vallée* a partir de Balzac, a mesma personagem que evoca em *Baisers volés* de Truffaut.

**1970-1979**

Além de novos filmes com Marguerite Duras, Joseph Losey e Luis Buñuel, filma entre vários outros com Jacques Demy, Stanislav Stanojevic, Fred Zinnenemann e Mario Monicelli. Em *Le journal d'un suicidé* de Stanojevic contracena com Sami Frey, com quem inicia um relacionamento para a vida. A partir de 1975 filma muito com mulheres realizadoras: além de Duras, Liliane de Kermadec, Márta Mészáros e Chantal Akerman. Com esta última, fará um total de quatro filmes a partir do seminal *Jeanne Dielman, 23, quai du commerce, 1080 Bruxelles* (1975).

É atriz de quatro filmes apresentados no festival de Cannes de 1975: *Jeanne Dielman* de Akerman, *India Song* de Duras, *Aloïse* de Liliane de Kermadec e *Le Jardin qui basculhe* de Guy Gilles. É distinguida

com um César de melhor atriz por *India Song* em 1976. É nomeada para o César de melhor atriz em 1978 pelo seu papel em *Repérages*, de Michel Soutter.

No teatro, interpreta Harold Pinter ou Peter Handke. Na Broadway, em 1972, participa na versão americana da peça de Jean-Claude Carrière *L'aide-mémoire* (*The Little Black Book*) com Richard Benjamin. Em 1976, em Londres, interpreta o papel principal da peça *As Lágrimas Amargas de Petra von Kant* de Rainer Werner Fassbinder e a personagem de Cleópatra em *Antony and Cleopatra* de Shakespeare.

Em 1970, grava um disco de canções do compositor Francis Seyrig, seu irmão, a partir de textos de Jean-Claude Carrière: *Une fourmi et moi*; *Quoi de plus beau qu'une marche militaire*.

Tendo-se envolvido no movimento feminista em Maio de 68, é signatária, em 1971, do “Manifesto das 343” em defesa da liberdade de abortar.

### 1974-1978

Conhece a videasta Carole Roussopoulos (1945-2009), a segunda pessoa que, em França, adquiriu uma câmara vídeo, depois de Jean-Luc Godard. Familiariza-se com a tecnologia vídeo no seio do grupo Video Out de Roussopoulos, e funda com ela, e Ioana Wieder, o coletivo Les Muses s'amusement, depois renomeado Les Insoumuses, militando ativamente no combate pelos direitos das mulheres nos dez anos seguintes. Junta-se-lhes Nadja Ringart. Os primeiros filmes do

coletivo são de 1974, dois dos mais violentos são de 1976: *S.C.U.M. Manifesto 1967* e *Maso et Miso vont en bateau*. Dos que realizou, o seu filme mais conhecido é do mesmo ano: *Sois belle et tais-toi!* para o qual convoca 24 atrizes francesas e americanas questionando a igualdade de oportunidades de homens e mulheres no cinema. Em 1978, o cinema parisiense Action République apresenta um programa intitulado “Une bande de femmes présente des bandes de femmes”.

### 1980-1989

Além dos filmes com Akerman, participa em três filmes de Ulrike Ottinger, mas também Patricia Moraz ou Pomme Meffre. Em 1981 é nomeada para o César de melhor atriz secundária em *Chère Inconnue* de Moshé Mizrahi, em que contracena com Simone Signoret e Jean Rochefort. Lê o livro *Calamity Jane's Letters to Her Daughter* e empenha-se num projeto de filme que nunca chega a realizar, mas filma algum material nos Estados Unidos com Bette Midler que, em 2019, volta a essas imagens e realiza *Calamity Jane & Delphine Seyrig, a Story*.

No teatro, faz a peça *La Bête dans la jungle* de Henry James, adaptada por Marguerite Duras, ao lado de Sami Frey, numa encenação de Alfredo Arias em 1981. No ano seguinte interpreta Sarah Bernhardt em *Sarah et le cri de la langouste* de John Murrell, com Georges Wilson. A peça é adaptado em 1985 para a televisão, um telefilme

de Marcel Bluwal que coprotagoniza em Sami Frey. Em 1987, contracena com Henri Garcin em *Un jardin en désordre* de Alan Ayckbourn.

### 1982

Em fevereiro, funda o Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir com Carole Roussopoulos e Ioana Wieder, com o intuito de constituir um arquivo das produções dos coletivos Video Out e Les Insoumuses, entre outros, bem como de prosseguir a atividade de produção audiovisual feminista. O centro abre em junho, obtendo a atenção da imprensa internacional. Nos anos seguintes, o centro intensifica a sua atividade e Seyrig empenha-se em garantir financiamento. É sua presidente entre 1982 e 1990.

### 1987

Realiza a curta-metragem *En mémoire*, em tributo a Simone de Beauvoir.

### 1989

*Jeanne d'Arc de Mongolie*, o terceiro dos seus filmes com Ulrike Ottinger, é a sua última participação no cinema.

### 1990

Morre em Paris a 15 de outubro, vítima de uma doença oncológica, sendo enterrada no cemitério de Montparnasse.

# FILMOGRAFIA

## DELPHINE SEYRIG REALIZAÇÃO

FEMMES AU VIETNAM, Jane Fonda, Delphine Seyrig, 1974

INÈS, Delphine Seyrig, 1974 *c/m*

LES TROIS PORTUGAISES, Carole Roussopoulos, Delphine Seyrig, Ioana Wieder, 1974 *c/m*

MASO ET MISO EN BATEAU, Carole Roussopoulos, Delphine Seyrig, Ioana Wieder, Nadja Ringart, 1976

OÙ EST-CE QU'ON SE "MAI"?, Delphine Seyrig, Ioana Wieder, 1976

S.C.U.M. MANIFESTO 1967, Carole Roussopoulos, Delphine Seyrig, 1976 *c/m*

SOIS BELLE ET TAIS-TOI!, Carole Roussopoulos, Delphine Seyrig, Ioana Wieder, 1976

IL NE FAIT PAS CHAUD (1 E 2), Carole Roussopoulos, Delphine Seyrig, Ioana Wieder, Nadja Ringart, 1977

POUR MÉMOIRE, Delphine Seyrig, 1987 *c/m*

## DELPHINE SEYRIG ATRIZ

THE MOTHER HUBBARD CASE *in* Sherlock Holmes, Jack Gage, 1954 *série televisiva*

THE CASE OF THE SINGING VIOLIN *in* Sherlock Holmes, Steve Previn, 1954 *série televisiva*

PULL MY DAISY, Robert Frank, Alfred Leslie, 1959 *c/m*

L'ANNÉE DERNIÈRE À MARIENBAD, Alain Resnais, 1961

MURIEL OU LE TEMPS D'UN RETOUR, Alain Resnais, 1963

LE TROISIÈME CONCERTO, Marcel Cravenne, 1963 TV

QUI DONC A RÊVÉ?, Liliane de Kermadec, 1965 *c/m*

QUI ÊTES-VOUS, POLLY MAGGOO?, William Klein, 1966

UN MOIS À LA CAMPAGNE, André Barsacq, 1966

COMÉDIE, Marin Karmitz, Jean Ravel, Jean-Marie Serreau, 1965 *c/m*

LA MUSICA, Marguerite Duras, Paul Seban, 1966

L'ACCIDENT, Joseph Losey, 1967



HEDDA GABLER, Raymond Rouleau, 1967 TV  
L'ÉCUME DES JOURS, Charles Belmont, 1968  
BAISERS VOLÉS, François Truffaut, 1968  
MR. FREEDOM, William Klein, 1968  
LA VOIE LACTÉE, Luis Buñuel, 1969  
EL VIENTRE DE LA BALLENA, Julián Pablo, 1969  
LE LYS DANS LA VALLÉE, Marcel Cravenne, 1970 TV  
PEAU D'ÂNE, Jacques Demy, 1970  
LES LÈVRES ROUGES, Harry Kümel, 1971  
TARTUFFE, Marcel Cravenne, 1971 TV  
LE JOURNAL D'UN SUICIDÉ, Stanislav Stanojevic, 1971  
LE CHAME DISCRET DE LA BOURGEOISIE, Luis Buñuel, 1972  
CHACALL, Fred Zinnemann, 1973  
THE DOLL'S HOUSE, Joseph Losey, 1973  
THE BLACK WINDMILL, Don Siegel, 1974  
DITES-LE AVEC DES FLEURS, Pierre Grimblat, 1974  
LA CHEVAUCHÉE SUR LE LAC DE CONSTANCE, Claude Régy, 1974 TV  
L'ADOLESCENT, Claude Lallemand, 1974  
LE BOUCHER, LA STAR ET L'ORPHELINE, Jérôme Savary, 1975  
ALOÏSE, Liliane de Kermadec, 1975  
DER LETZTE SCHREI, Robert van Ackeren, 1975  
LE JARDIN QUI BASCULE, Guy Gilles, 1975  
JEANNE DIELMAN, 23, QUAI DU COMMERCE, 1080 BRUXELLES, Chantal Akerman, 1975  
JE T'AIME, TU DANSES, François Weyergans, 1975  
INDIA SONG, Marguerite Duras, 1975  
SON NOM DE VENISE DANS CALCUTTA DÉSERT, Marguerite Duras, 1976  
CARO MICHELE, Mario Monicelli, 1976

BAXTER, Vera Baxter, Marguerite Duras, 1977  
REPÉRAGES, Michel Soutter, 1977  
ÚTKÖZBEN, Márta Mészáros, 1979  
LE CHEMIN PERDU, Patricia Moraz, 1980  
CHÈRE INCONNUE, Moshé Mizrahi, 1980  
THE MAN OF DESTINY, Desmond Davis, 1981 TV  
DOCUMENTEUR, Agnès Varda, 1981  
FREAK ORLANDO, Ulrike Ottinger, 1981  
LE GRAIN DE SABLE, Pomme Meffre, 1983  
DORIAN GRAY IM SPIEGEL DER BOULEVARDPRESSE, Ulrike Ottinger, 1984  
SARAH ET LE CRI DE LA LANGOUSTE, Marcel Bluwal, 1985 TV  
GROSSE, Brigitte Roän, 1985  
GOLDEN EIGHTIES, Chantal Akerman, 1986  
LES ÉTONNEMENTS D'UN COUPLE MODERNE, Pierre Boutron, 1986 TV  
LETTERS HOME, Chantal Akerman, 1986  
LA PARESSE IN SEVEN WOMEN, SEVEN SINS, Chantal Akerman, 1986 c/m  
LA BÊTE DANS LA JUNGLE, Benoît Jacquot, 1988 TV  
JOHANNA D'ARC OF MONGOLIA, Ulrike Ottinger, 1989

## **SOBRE / COM DELPHINE SEYRIG** *seleção*

DELPHINE SEYRIG PHOTOGRAPHE / Dim Dam Dom, 1968  
DELPHINE SEYRIG: PORTRAIT PAR CLAUDE LANZMANN / Dim Dam Dom, 1970  
LES PETITES DE DELPHINE SEYRIG / Dim Dam Dom, 1980  
DELPHINE SEYRIG SUR LE CINÉMA DES FEMMES / Regard de femme, 1989  
CALAMITY JANE & DELPHINE SEYRIG, A STORY, Babette Mangolte, 2019  
DELPHINE ET CAROLE, INSOUUSES, Callisto McNulty, 2019  
L'ANNÉE DERNIÈRE À DACHAU, Mark Rappaport, 2020 c/m



# CALENDÁRIO DAS SESSÕES

## 9 – 21 OUTUBRO 2020

### SOIS BELLE ET TAIS-TOI!

de Delphine Seyrig

com a colaboração de Carole Roussopoulos, Ioana Wieder

França, 1976 – 110 min / legendado eletronicamente em português | M/12

**Sexta-feira [9] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro**

**Segunda-feira [12] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

### COMÉDIE

de Marin Karmitz, Jean Ravel, Jean-Marie Serreau

com Delphine Seyrig, Michael Lonsdale, Eléonore Hirt

França, 1965 – 20 min / legendado eletronicamente em português

### BAISERS VOLÉS

*Beijos Roubados*

de François Truffaut

com Jean-Pierre Léaud, Claude Jade, Delphine Seyrig, Michael Lonsdale

França, 1968 – 91 min / legendado eletronicamente em português

*duração total da projeção: 111 min | M/12*

**Sábado [10] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

**Segunda-feira [12] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

### INÊS

de Delphine Seyrig

França, 1974 – 19 min / legendado eletronicamente em português

### LES TROIS PORTUGAISES

de Delphine Seyrig com a colaboração de Carole Roussopoulos, Ioana Wieder

França, 1974 – 29 min / legendado eletronicamente em português

### LES PROSTITUÉES DE LYON PARLENT

de Carole Roussopoulos

França, 1975 – 46 min / legendado eletronicamente em português

*duração total da projeção: 93 min | M/12*

sessão apresentada por Nicole Fernández Ferrer

**Sábado [10] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro**

### POUR MÉMOIRE

de Delphine Seyrig

França, 1987 – 11 min / legendado eletronicamente em português

### CALAMITY JANE & DELPHINE SEYRIG, A STORY

de Babette Mangolte

França, Estados Unidos, 2019 – 87 min / versão francesa, legendado eletronicamente em português

*duração total da projeção: 98 min | M/12*

sessão de sábado, 10, apresentada por Nicole Fernández Ferrer

**Sábado [10] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

**Quarta-feira [21] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro**

---

## PULL MY DAISY

de Robert Frank, Alfred Leslie

com Allen Ginsberg, Gregory Corso, Delphine Seyrig e narração de Jack Kerouac  
Estados Unidos, 1959 – 30 min / legendado eletronicamente em português

---

## AUTOUR DE JEANNE DIELMAN

de Sami Frey

França, 1975-2004 – 68 min / legendado eletronicamente em português  
*duração total da projeção: 98 min | M/12*

**Segunda-feira [12] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro**

**Quinta-feira [15] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

---

## L'ANNÉE DERNIÈRE À DACHAU

de Mark Rappaport

França, 2020 – 29 min / legendado eletronicamente em português

---

## MURIEL OU LE TEMPS D'UN RETOUR

*Muriel ou O Tempo de Um Regresso*

de Alain Resnais

com Delphine Seyrig, Jean-Pierre Kérien, Nita Kein

França, Itália, 1963 – 117 min / legendado eletronicamente em português

*duração total da projeção: 146 min | M/12*

**Terça-feira [13] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

**Quarta-feira [21] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

---

## S.C.U.M. MANIFESTO 1967

de Carole Roussopoulos, Delphine Seyrig

França, 1976 – 28 min / legendado eletronicamente em português

---

## MASO ET MISO VONT EN BATEAU

de Carole Roussopoulos, Delphine Seyrig,  
Ioana Wieder, Nadja Ringart (Les Insoumuses)

França, 1976 – 54 min / legendado eletronicamente em português  
*duração total da projeção: 82 min | M/12*

**Terça-feira [13] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro**

---

## OÙ EST-CE QU'ON SE “MAI”?

de Ioana Wieder (Les Insoumuses)

França, 1976 – 55 min / legendado eletronicamente em português | M/12

**Quarta-feira [14] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

---

## JEANNE DIELMAN, 23, QUAI DU COMMERCE, 1080 BRUXELLES

de Chantal Akerman

com Delphine Seyrig, Henri Storck, Jan Decorte

Bélgica, França, 1975 – 200 min / legendado eletronicamente em português | M/12

**Quinta-feira [15] 21:00 | Sala M. Félix Ribeiro / atenção ao horário**

---

## IL NE FAIT PAS CHAUD 1 | IL NE FAIT PAS CHAUD 2

de Carole Roussopoulos, Ioana Wieder,  
Delphine Seyrig, Nadja Ringart (Les Insoumuses)

França, 1977 – 75 min (49 min, 26 min) / legendado eletronicamente em português | M/12

**Sexta-feira [16] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro**

## A DOLL'S HOUSE

*A Casa da Boneca*

de Joseph Losey

com Jane Fonda, Edward Fox, Trevor Howard,  
Delphine Seyrig, David Warner, Anna Wing

Reino Unido, França, 1972 – 106 min / legendado eletronicamente em português | M/12

**Sábado [17] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

**Segunda-feira [19] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

## FEMMES AU VIETNAM

de Jane Fonda, Delphine Seyrig

França, 1974 – 62 min / legendado eletronicamente em português | M/12

**Sábado [17] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro**

## LA MUSICA

de Marguerite Duras, Paul Seban

com Delphine Seyrig, Robert Hossein, Julie Dassin

França, 1966 – 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

**Sábado [17] 21:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

**Terça-feira [20] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

**AGRADECIMENTOS:** Nicole Fernández Ferrer, Peggy Préau (Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir); Sílvia Balea, Katia Adler (Institut Français Portugal), Mark Rappaport.

### PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES

PREÇO DOS BILHETES: 3,20 EUROS

ESTUDANTES/CARTÃO JOVEM, REFORMADOS E PENSIONISTAS - > 65 ANOS - 2,15 EUROS

AMIGOS DA CINEMATECA/ESTUDANTES DE CINEMA - 1,35 EUROS

AMIGOS DA CINEMATECA / MARCAÇÃO DE BILHETES: TEL. 213 596 262

HORÁRIO DA BILHETEIRA:

SEGUNDA-FEIRA/SÁBADO, 14:30 - 15:30 E 18:00 - 21:30

VENDA ONLINE EM CINEMATECA.BOL.PT | HÁ LUGARES MARCADOS

## LE JOURNAL D'UN SUICIDÉ

de Stanislav Stanojevic

com Delphine Seyrig, Sami Frey, Marie-France Pisier, Sacha Pitoëff

França, 1971 – 82 min / legendado eletronicamente em português | M/12

**Segunda-feira [19] 15:30 | Sala M. Félix Ribeiro**

**Terça-feira [20] 19:00 | Sala M. Félix Ribeiro**

## ENCONTRO COM NICOLE FERNÁNDEZ FERRER

**9 de outubro 2020, Cinemateca, 17h30 | Esplanada  
em português e francês | entrada livre**

Programadora, arquivista e investigadora, Nicole Fernández Ferrer é diretora do Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir, cofundado em 1982 por Delphine Seyrig, Carole Roussopoulos e Ioana Wieder. Conhecedora do trabalho de Delphine Seyrig e do seu percurso artístico, feminista e militante, vai estar na Cinemateca para um encontro com o público, que conta ainda com a participação de Maria João Madeira, programadora, e Rita Azevedo Gomes, programadora e realizadora.

O Encontro antecede a abertura da retrospectiva às 19 horas, com a projeção de *Sois belle et tais-toi!*

INFORMAÇÃO DIÁRIA SOBRE A PROGRAMAÇÃO: TEL. 213 596 266

CLASSIFICAÇÃO GERAL DOS ESPETÁCULOS: IGAC

LIVRARIA LINHA DE SOMBRA | SEGUNDA-FEIRA/SÁBADO, 13:00 - 22:00 (213 540 021)

RESTAURANTE-BAR E ESPLANADA, SEGUNDA-FEIRA/SÁBADO, 12:30 - 01:00

TRANSPORTES:

METRO: MARQUÊS DE POMBAL, AVENIDA | BUS: 736, 744, 709, 711, 732, 745

DISPONÍVEL ESTACIONAMENTO PARA BICICLETAS

RUA BARATA SALGUEIRO, 39 - 1269-059 LISBOA | WWW.CINEMATECA.PT



cinemateca  
portuguesa  
MUSEU DO CINEMA

